



ADRIANO ADORYAN

TV USP: das origens à consolidação de um projeto

ADRIANO ADORYAN
é diretor de Programação
e Produção, além de
responder pela gerência
executiva do Canal
Universitário de São Paulo
(CNU).

Resgatar um pouco dos fatos e dos personagens do processo de criação da TV USP, fornecendo algumas referências para aqueles que desejem entender e discutir um pouco mais sobre o universo das televisões universitárias brasileiras, é o foco deste texto.

Ao apresentar algumas pistas das dificuldades encontradas para conceber e realizar sua programação, além de algumas das soluções encontradas e dos processos para sua viabilização, espero registrar mais um capítulo da história da principal e maior universidade pública da América Latina e mostrar que esse projeto é, e sempre foi, tratado com imensa responsabilidade, carinho e dedicação.

Ao narrar um pouco dessa história, da qual também sou espectador e ator desde o começo, espero estar contribuindo para difundir um projeto em que acredito e, ao mesmo tempo, alertar para o fato de que a TV USP bem como as demais participantes do segmento de Televisões Universitárias Brasileiras são um projeto em construção que deverá desenrolar-se por mui-

tos anos ainda e desde o começo contou com o apoio de profissionais experientes comprometidos com a sociedade brasileira.

Aos que participaram dessa história, espero ser fiel neste relato, embora reconheça que dado o foco do trabalho não poderei dar o devido destaque ou a devida dimensão da contribuição de cada um, além de todos os que nem sequer poderão ser citados.

COMO TUDO COMEÇOU – HISTÓRIA E PERSONAGENS

A história do Canal Universitário de São Paulo (CNU) começa já em 1996, com um encontro promovido pela deputada federal Irma Passoni para articular os canais de acesso público, criados por ela dentro da Lei do Cabo – lei que regulamentou o funcionamento das TVs a cabo, no Brasil – e a partir daí com as articulações promovidas pelo prof. Cláudio Lembo (Universidade Mackenzie) e pelo jornalista Gabriel Priolli – já na direção da TV PUC, criada um ano antes – para tentar organizar o grupo de universidades que viria a criar o CNU em julho de 1997 (1). Nessa etapa todas as universidades sediadas no município de São Paulo foram contatadas e convidadas a participar de uma série de reuniões que começaram nos primeiros meses de 1997 em que se tentava desenhar a constituição do CNU. A USP, de início, designou o prof. Carlos Alberto Barbosa Dantas, na época pró-reitor de Graduação, para ser seu representante junto a essa comissão. Após duas ou três participações, o prof. Dantas, cuja origem é o Departamento de Estatística do Instituto de Matemática e Estatística (IME), solicitou a participação de um professor do departamento de Cinema, Rádio e Televisão (CTR) da ECA. Foi indicado então o prof. Renato Bulcão, professor das disciplinas de produção e direção de TV e, nesse momento, membro da Fundação Padre Anchieta, como diretor de Marketing da TV Cultura, além de dono de uma produtora de cinema e televisão – Casa de

Produção –, portanto, não só um professor da área de televisão, mas também um profissional atuante na área e bem relacionado no mercado audiovisual.

Pouco depois que começou a participar das reuniões, o prof. Renato Bulcão procurou por sua colega de departamento, a prof^a Marília Franco. Nesse momento a professora era a coordenadora do Univídeo (2) e estava dirigindo a produção de dois vídeos institucionais (3) para a Reitoria da USP – que estavam sendo realizados com equipamento do Univídeo e do Videofau (Laboratório de Vídeo da FAU) por bolsistas – alunos do curso de Rádio e TV da ECA –, funcionários do Videofau e *freelancers*. Na conversa, o prof. Bulcão contou sobre o andamento das negociações, com a previsão de início das atividades para logo e solicitou à prof^a Marília o material catalogado (4) pelo Univídeo. Foi esse material que permitiu viabilizar o início da programação da TV USP, como veremos adiante.

Em março de 1997 a Reitoria da USP definiu que a TV USP deveria ser instalada na Coordenadoria de Comunicação Social (CCS), então coordenada pelo prof. Celso de Barros Gomes, que foi oficialmente indicado para representar a USP no CNU e mais tarde tornou-se seu primeiro representante titular no Conselho Gestor do canal. Do ponto de vista organizacional a TV USP é criada como um setor da Rádio USP, com a designação de uma coordenação acadêmica. Para essa coordenação foi indicada a prof^a Marília Franco que, com a colaboração de Luís Bargmann (diretor do Videofau), redigiu o projeto inicial da TV USP, apresentado e aprovado em julho daquele ano. Quando assume a Coordenação Acadêmica da TV USP a prof^a Marília Franco passa a frequentar as reuniões do CNU, sendo logo indicada como suplente do prof. Celso no Conselho Gestor e titular da Diretoria Executiva do CNU quando de sua criação em julho, após a assinatura do “Acordo Institucional Provisório” e do “Regimento Interno do Conselho Gestor”.

Resolvida essa articulação política e institucional, bem como detalhes operacionais, a estréia do CNU foi marcada para o

1 O CNU foi formalmente criado em julho de 1997 através da assinatura do “Acordo Institucional Provisório” pelas seguintes universidades paulistas: Mackenzie, USP, PUC, Unifesp, Unip, Uniban, Unicsul, Universidade São Judas e Unisa.

2 Setor criado dentro da Coordenadoria Executiva de Cooperação Universitária e de Atividades Especiais (Cecae) para organizar e apoiar a produção de vídeos na USP.

3 *Institucional da USP e Fique por Dentro da USP*.

4 Uma das primeiras atividades realizadas pelo Univídeo foi o levantamento e a catalogação do material audiovisual disponível na Universidade.

dia 10 de novembro daquele mesmo ano. Começou ali a corrida para viabilizar a programação de estréia.

A ESTRÉIA – O DESAFIO DA PRIMEIRA PROGRAMAÇÃO

“Insistimos em destacar o caráter inédito e especial da construção do Projeto da TV USP em função da necessidade de adequá-lo ao ritmo e à estética de TV sem trair a busca do aprofundamento, da excelência e da responsabilidade que emanam das atividades acadêmicas, de um modo geral, e que, antes de tudo, construíram e consolidaram a respeitável imagem que esta Universidade tem em âmbito nacional e internacional” (5).

O primeiro material a ser exibido parecia ser a parte mais fácil: uma fala de 5 minutos de cada um dos 9 reitores das universidades participantes, apresentando o CNU e oficialmente inaugurando esse espaço, seguido de um institucional da universidade. Além das falas dos reitores, a Diretoria Executiva do canal organizou a gravação de uma apresentação com os jornalistas Flávio Prado (então diretor da TV São Judas) e Heliana Nogueira (diretora da TV Unifesp) para serem os mestres de cerimônia televisivos dessa inauguração. A partir daí, começou a funcionar a grade de programação definida para o CNU: estrutura de blocos de 30 minutos de duração para cada programa, sendo o primeiro conjunto de horários sorteado entre as 9 universidades e então repetida a seqüência até o final das transmissões (o CNU estreou com 18 horas diárias de programação, das 6h às 24h). No dia seguinte a estrutura se repetia, porém com cada universidade entrando 30 minutos mais tarde e assim sucessivamente ao longo de toda a semana. Para preencher esses horários (28 por semana) ficou definido na *Norma Técnica* do CNU que cada universidade deveria exibir no mínimo 2 programas inéditos por semana.

Para dar conta desse volume de produção, no prazo estabelecido para a estréia, e sem contar ainda com uma infra-estrutura técnica e funcional apropriada, a solução adotada foi precisamente a montagem de blocos de exibição de vídeos existentes no acervo da USP, intercalados por apresentadores que falavam um pouco sobre o conteúdo e a realização do vídeo e, às vezes, recebiam algum entrevistado para falar do produto ou de seu conteúdo. Esse material só pôde ser viabilizado através de uma parceria com o Departamento de Cinema, Rádio e TV da ECA, em cujos estúdios os programas foram sendo gravados, por quase dois anos, até a TV USP ter suas próprias instalações adequadas aos seus trabalhos. Além dos estúdios, estabeleceu-se também um diálogo com a disciplina de Direção e Produção de TV, ministrada pelo prof. Bulcão, em que os alunos da disciplina, em parceria com os técnicos do CTR, gravavam os programas no horário da aula. Já a produção desse conteúdo era feita pela equipe da TV USP, nesse momento composta pela prof^a Marília Franco, um funcionário e três estagiários. Completando essa parceria, alunos da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FAU) foram contratados para conceber e produzir o cenário utilizado.

Como programação de estréia, essa proposta cumpria um dos papéis estabelecidos para a TV USP, que era o de difundir a produção audiovisual da Universidade para a sociedade. Agora, o esforço de produção de vídeos na USP ganhava um novo impulso e uma nova justificativa, “uma janela aberta para a sociedade” (6), que passou a contar desde aquela data com um novo canal de acesso ao conhecimento e às reflexões produzidas e organizadas pela comunidade acadêmica. Outro passo importante nessa estratégia de estréia foi o embrião de uma política de relacionamento com as diversas unidades, departamentos e núcleos da USP, em particular a ECA, como parceira na produção dessa programação, desde seu início, o que criou bases sólidas para que essa relação fosse mantida e mesmo estreitada até hoje.

Mas o acervo de vídeos era limitado. A

5 Marília Franco, *Projeto de Implantação da TV USP*, 1997.

6 Idem, *ibidem*.

história da produção audiovisual na USP, como bem relatou Bargmann (7) em sua dissertação de mestrado, não muito diferente da universidade brasileira de maneira geral, mostra que essa produção como suporte de apoio, expressão e difusão da produção acadêmica nunca possuiu uma política, nem tampouco uma atividade consistente e regular, dependendo de iniciativas que, embora fossem constantes, eram muito mais um empenho pessoal dos interessados. Bargmann demonstra ainda que não só não existe uma política como também a expressão audiovisual foi assumindo, ao longo dos anos, um caráter cada vez mais secundário. A qualidade dos vídeos existentes bem como seu estado de conservação ou mesmo sua catalogação eram absolutamente irregulares e muitas vezes impróprios, revelando que, apesar dos altos investimentos na criação de estruturas, não houve uma continuidade nem uma transferência da competência desenvolvida nessas experiências. Ainda assim a produção existente catalogada e em condições mínimas foi suficiente para sustentar a programação completa da TV USP até abril de 1998, totalizando mais de 40 horas/programas, sem que esse material fosse esgotado.

PRODUÇÃO PRÓPRIA – PRIMEIROS PASSOS

Embora desde o início das operações a equipe da TV USP tenha feito a cobertura de alguns eventos que estavam acontecendo na Universidade, visando gerar uma programação própria, foi a partir de janeiro de 1998 que a equipe debruçou-se firmemente em discussões sobre conteúdos e formatos de programas próprios a serem produzidos, bem como na maneira de viabilizar sua produção nos prazos determinados com as condições disponíveis. Assim, as primeiras produções originais da TV USP foram 2 vídeos, exibidos no início das aulas daquele ano como programação de recepção aos calouros.

“O papel de uma universidade como a USP é desencaminhar as pessoas” (8). Essa frase meio *gauche* é o depoimento que resume o conteúdo do primeiro programa, o documentário *Profissional do Séc. XXI*, um vídeo em que diversos professores e alunos da Universidade foram convidados a dar entrevistas em que refletiram sobre as mudanças em curso na sociedade, seu impacto no mercado profissional e, portanto, na formação dos profissionais; como a USP estava lidando com esse contexto e que tipo de preparação estava fornecendo aos seus estudantes. A importância desse primeiro programa pode ser entendida em vários níveis. Primeiro, como um laboratório quanto às condições de trabalho disponíveis e, portanto, uma avaliação quanto à capacidade de produção instalada. No nível estético e de linguagem este é o programa-pai da TV USP. Não apenas por ser o primeiro integralmente produzido em seu contexto, mas porque nele estão desenhadas as linhas-mestras que definem as produções da TV USP até hoje. Temática, fotografia, ritmo e estilo de edição, abordagem dos temas, seleção dos entrevistados, nível de reflexão e compromisso com o público espectador e sua inteligência. Quem assistir a esse programa verá que as bases de absolutamente tudo produzido desde então estão lá. Mas é no nível político e institucional que esse programa se destaca. Pela primeira vez a TV USP pôde mostrar para o seu público, interno e externo, a que veio. Essa primeira produção própria foi um marco também para o CNU ao ser aplaudida e usada como referência por várias outras universidades que perceberam que poderiam, e deveriam, ter um compromisso com a qualidade de suas produções acima da que estavam entendendo até então.

O segundo programa, *Bixos na USP*, foi quase uma brincadeira, na verdade um tipo de institucional mais descontraído. A idéia era simplesmente apresentar a USP para o aluno ingressante. Mostrar as dependências e os serviços à disposição dos alunos, como o Centro de Práticas Esportivas (Cepeusp), o bandeirão, a moradia, as bibliotecas, o Hospital Universitário, o serviço de ônibus

7 Domingos Luiz Bargmann Netto, *Produção Audiovisual na Universidade de São Paulo*, São Paulo, 2000.

8 Paulo Blikstein, *Profissional do Séc. XXI*, videodocumentário, TV USP, 1998.

circular, etc. Para isso a equipe contou com o apoio do Videofau para ter duas ENGs – equipe de jornalismo de rua, em geral formada por três pessoas: repórter, operador de câmera e produtor, além de equipamentos de captação de áudio, vídeo e iluminação – circulando pelas diversas unidades no dia da matrícula. Além de cenas das brincadeiras de recepção aos “bixos” a equipe entregou o texto do programa para ser lido pelos calouros. Compôs-se, com isso, um videojogral em que o texto de apresentação da USP, lido pelos “bixos” cobertos de guache, era intercalado por entrevistas com os diretores das unidades responsáveis, imagens dos respectivos espaços e depoimentos dos veteranos usuários. Sua importância, além das questões mesmas de produção do primeiro, esteve em mostrar o potencial lúdico da produção universitária, abrindo caminho para que também se experimentasse nos formatos dos programas, arriscando-se fora dos padrões consagrados pela televisão comercial.

Finalizados esses dois programas, era mais que hora de discutir uma programação semanal, que não poderia ser de documentários. Pensando na diversidade da Universidade e no público ao qual o CNU estava disponível (todos os assinantes de televisão a cabo do município de São Paulo), a opção foi a de criar uma série de quadros, com duração entre 5 e 10 minutos, para serem exibidos regularmente e de forma alternada, compondo o programa de uma das meias horas da programação da semana. Esses programas iniciais tinham uma pauta focada em extensão e cultura, apresentando as atividades que a USP disponibilizava ao público, como mostras em museus, cinema, programações especiais na Rádio USP, teatro, etc. Essas pautas eram acompanhadas nos quadros “Museus” e “Na Faixa”. Os outros quadros davam conta de: orientação vocacional – apresentando as carreiras de graduação da USP no *Qual É o Curso?*; análise geopolítica – o editorial “Mundo” com comentários do jornalista José Arbex Júnior (então aluno de doutorado do Departamento de História da FFLCH); e atividades estudantis – com a apresentação dos centros acadêmicos no “C.A.”. Assim nas-

ceu a “revista eletrônica da USP” (9), o *Panorama*, que mais tarde recebeu outros quadros como o “Em Tese”, sobre pesquisa, que apresentava trabalhos de mestrado e doutorado defendidos, explicando também o processo de realização de um trabalho de pós-graduação. Após diversas reformulações o programa continua sendo produzido até hoje sob o nome de *Pgm*.

No segundo semestre desse mesmo ano foram criados os programas de debate e opinião *Delta Pi* – produzido até 2001 – e *Olhar da USP* – ainda em produção –, voltados, respectivamente, ao público estudantil e docente. O programa *Delta Pi* foi também a primeira co-produção do CNU, sendo realizado com a TV PUC, o que permitiu a primeira experiência do canal em programas com 1 hora de duração. Nesse mesmo período criou-se um outro programa, com o objetivo de abordar os núcleos de pesquisa da USP, chamado *Sinapse*, não mais em exibição.

Nesse início, em que todas as universidades estavam Tateando esse universo da produção televisiva, foi muito interessante observar como alguns formatos e temáticas replicavam-se ao longo da programação em roupagens e participações segmentadas de cada universidade. Assim, havia na TV Unicsul o programa *Mix Cola* bastante aproximado do *Delta Pi* e na TV Unip surgiu o *Jornal da Profissões*, com a mesma temática do *Qual É o Curso?*, entre vários outros. Outra marca desse momento inicial foi uma espécie de competição entre as TVs das universidades com pouca colaboração e troca de experiências – o que torna a iniciativa de co-produzir o *Delta Pi* muito mais significativa (10).

2 APÊS – UM ATO DE OUSADIA

Em meados de 1999 um grupo de estudantes de diversos cursos da USP, entre os quais muitos dos estagiários da TV USP, reuniu-se para realizar uma oficina de roteiro que se estendeu até o final do ano. O resultado foi o projeto de um seriado, uma

9 Slogan do programa *Panorama*, atual *Pgm*.

10 Atualmente toda a programação produzida pela TV USP está sendo digitalizada e disponibilizada em seu web site para consulta. Também é possível, através desse site – www.usp.br/tv – comprar cópias desses programas.

comédia de situações para ser preciso. A temática: a vida do estudante universitário. Daí o título *2 Apês*, já que o seriado retratava duas repúblicas vizinhas, o apartamento dos meninos e o das meninas. Os oficinairos apresentaram o projeto para a prof^a Marília Franco que, corajosamente, propôs produzi-lo através da TV USP. O desafio foi aceito, com o compromisso de realizar 10 episódios de meia hora.

Os oficinairos organizaram-se então para viabilizar todas as necessidades de produção. A colaboração de alguns profissionais de alto gabarito foi importantíssima para oferecer um início sólido: o projeto de cenografia foi concebido pelo prof. Cyro Del Nero, do Departamento de Artes Cênicas da ECA, e o desenho de luz ficou a cargo do fotógrafo profissional Carlos Ebért. Os objetos de cena e a mobília foram quase todos patrocinados por lojas ou doados por parentes e amigos, além da própria equipe.

Para a seleção dos atores, a equipe organizou um grande teste, divulgado nas principais escolas de atores da cidade. Com mais de 100 inscritos a equipe procedeu com uma seleção em etapas. Primeiramente fez uma triagem dos currículos procurando identificar pelo perfil e aparência dos candidatos qual seria o papel mais adequado. Feita essa divisão, escolheram algumas cenas já escritas para cada um dos personagens e distribuíram o texto, acompanhado de uma descrição dos personagens, para os candidatos estudarem. Organizaram então uma escala de gravação de dois dias inteiros para os testes e agendaram com os candidatos. Assistindo todos juntos aos testes gravados, a equipe fez suas escolhas que foram então checadas pelo diretor em uma entrevista. Coincidência, ou atestado de qualidade, os atores selecionados eram, na quase totalidade, alunos de Artes Cênicas da ECA e aceitaram trabalhar por cachês simbólicos.

Resultado: a TV USP produziu e exibiu a primeira *sitcom* (comédia de situações) universitária do Brasil com ótima repercussão e sucesso. A estréia contou com *outdoor* na Cidade Universitária, *flyers* distribuídos em bares e outros estabelecimentos da cidade e matéria no caderno Ilus-

trada de sexta-feira do jornal *Folha de S. Paulo*. Muita gente assistiu, muita gente comentou e quem viu tornou-se fã. No momento em que o CNU completava apenas dois anos de existência e carecia ainda de ser conhecido pela população, esse seriado, com toda a repercussão que gerou, divulgou todo o canal trazendo-lhe um novo público e garantindo-lhe uma espécie de certificado de qualidade. Mesmo hoje, três anos depois da realização do programa, ainda encontro com pessoas que comentam sobre ele. Também os atores contam que continuam sendo abordados na rua por pessoas que perguntam “você não era o ‘fulano’ do *2 Apês*?”.

Toda essa experiência encontra-se documentada nos arquivos da TV USP.

MATURIDADE PROFISSIONAL — UM PROCESSO PERMANENTE

A outra marca que o *2 Apês* deixou foi a prova de que, apesar de ser uma usina de criatividade em todos os aspectos da produção televisiva e contar com pessoas muito competentes nas diversas atividades desenvolvidas, a TV USP ainda carecia de maturidade profissional. Na verdade, conversando com os diretores de todas as TVs universitárias do CNU todos eles irão concordar que essa falta de maturidade era — e em certa medida ainda é — um problema comum daquele período. Não que as pessoas envolvidas no processo não soubessem o que estavam fazendo, muitos eram — ou são — profissionais competentes do mercado; a questão é que as dificuldades em produzir uma televisão universitária são enormes e é preciso tempo para que essa mudança de cultura dentro da universidade se opere e permita que essas dificuldades sejam superadas. É aliada à superação dos problemas e com a aquisição de experiência nesse novo segmento da televisão brasileira e mundial — já que o modelo de televisão universitária existente no Brasil difere de todas as outras experiências existentes até então — que essa

madureza está se desenvolvendo (11).

Voltando-nos de novo para a TV USP e os reflexos práticos dessa situação, a realização do seriado *2 Apês* mostrou o quão frágil era a estrutura de produção, pois para realizá-lo houve uma série de problemas em manter a regularidade de todos os outros programas – alguns em processo de consolidação, outros já consolidados – e alguns deles deixaram de ser produzidos, como *Qual É o Curso?* e *Sinapse* e, mais tarde, também o *Delta Pi*. Ficou claro que naquele momento não havia uma infraestrutura dimensionada para dar conta de tudo o que se desejava fazer e, ainda pior, não havia condições de dimensionar corretamente o impacto dos novos projetos antes de iniciá-los de modo a fazer os ajustes necessários para viabilizar tudo, ou mesmo decidir, a princípio, pela substituição de um projeto por outro.

Mas aprendeu-se a lição e um longo processo de reestruturação iniciou-se em julho de 2001, após o término da produção do programa *Delta Pi* e saída de vários estagiários e profissionais da equipe. A reestruturação foi justamente no sentido de dar maior estabilidade às produções realizadas e daí poder aumentar o volume e a diversidade de produção. Para isso houve, num primeiro momento, uma diminuição no volume de produção da TV USP, mas, a partir do ano seguinte, foi possível estabelecer uma ascendente com relação não só ao volume de produções como também quanto à sua qualidade. Para essa reestruturação contribuiu, e muito, a identificação dos principais problemas de infraestrutura que, com o aporte de investimentos da Universidade, puderam ser sistematicamente trabalhados e, se não completamente sanados, ao menos minimizados.

TV UNIVERSITÁRIA PÚBLICA – UM BEM EM CONSTRUÇÃO

Ao longo dos seus seis anos de produção e pelo menos sete de história – se consi-

derarmos o início como as primeiras articulações para a criação do CNU –, a TV USP vem traçando um caminho que, apesar de todas as dificuldades enfrentadas, é de sucesso. Criar e manter uma televisão não é uma tarefa fácil, tampouco barata. Muitos grupos empresariais faliram tentando. Por outro lado, compatibilizar as particularidades da televisão com as da universidade pode parecer, à primeira vista, impossível. Principalmente quando estamos falando da televisão brasileira, com seus quase 55 anos de história, sua qualidade internacionalmente reconhecida – para não falar de suas bizarrices –, e todo um hábito construído junto aos espectadores brasileiros, particularmente no eixo Rio-São Paulo, onde está concentrada a produção audiovisual nacional, em quantidade e em qualidade contrapondo-se, do outro lado, a USP, uma universidade que completa agora 70 anos, mas que é composta por diversas instituições centenárias, carregadas de tradições; uma universidade que responde pela maior parte da produção da pesquisa brasileira, que é destaque e referência internacionalmente e que, além de tudo, é pública, financiada pela sociedade paulista e sujeita a todas as peculiaridades da administração de uma universidade estadual.

Frente a esse desafio, reitero que esta história está sendo possível graças a um projeto bem-nascido, que nutre o ideal de uma TV universitária pública, comprometida com o desenvolvimento da sociedade, com a difusão e a democratização do conhecimento, em particular aquele produzido pela própria USP com financiamento público; comprometida com o apoio e a parceria com a pesquisa, consciente de que pode e deve contribuir com o desenvolvimento de modelos para a comunicação midiática brasileira, tornando-se um referencial para os profissionais da área e para os espectadores. Tornar a TV USP possível e realizá-la é mais uma forma de prestarmos nossas contas a uma sociedade que não só a financia, mas a respeita e admira, depositando sobre ela a responsabilidade por construir um futuro melhor.

11 Para um panorama da televisão universitária brasileira e seus principais desafios ver: Gabriel Priolli, *Televisão Universitária: TV Educativa em Terceiro Grau*, http://www.abtu.org.br/arquivos_TV_educativa_3grau.asp. Texto publicado originalmente na revista *Verso & Reverso*, da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, em julho de 2003.